

HUMOR COMO CONTESTAÇÃO: A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS PRECONCEITUOSOS DO NEGRO E DO HOMOSSEXUAL NOS VÍDEOS DO CANAL PORTA DOS FUNDOS

Gabriela Naldi¹
Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

O humor é uma atividade que permeia a sociedade há anos e seu objetivo vai muito além do simples ato de fazer rir. Atualmente, com o advento e a integração da população aos meios de comunicação, as piadas que utilizam estereótipos e clichês sociais em suas composições vêm sofrendo diversas críticas. Este trabalho tem como objetivo analisar a outra faceta do humor criada pelo canal “Porta dos Fundos”, na qual utiliza, dentre outros, os estereótipos do negro e do homossexual, não com o objetivo de reforçá-los, mas sim de fazer uma quebra dos conceitos já enraizados em nossa sociedade. Para isso, foram analisados alguns vídeos do canal a fim de verificar os mecanismos e discursos mais utilizados pelo mesmo com o objetivo de provocar riso. Concluiu-se que, apesar de se utilizar de estereótipos, há diferença na abordagem feita pelo grupo com relação às demais composições humorísticas. O que o canal faz é compor humor com intenção de provocar reflexão social.

Palavras-chave: Estereótipos. Homossexual. Humor Negro. Porta dos Fundos.

¹ Aluna do 5º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2016-2017). *E-mail*: gabriela.naldi2586@gmail.com

² Orientador da pesquisa. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: luiz.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

O humor, ou a capacidade de produzir um conteúdo cômico, está contido nas diversas manifestações humanas e é uma atividade que ocorre na sociedade já há muito tempo. Apesar de sua composição alterar-se ao longo dos anos, o objetivo culmina sempre no mesmo: o fazer rir. Porém essa produção de efeito humorístico não parece ser tão simples. À medida que a sociedade evolui, as expectativas mudam e o que antes parecia engraçado pode mudar em questão de pouco tempo.

Atualmente as pessoas deram início à discussão acerca do humor “politicamente correto e incorreto”, levantando questões sobre diversos discursos humorísticos já enraizados na sociedade, fazendo-nos perguntar o que é realmente piada, ou se o que é engraçado para mim é engraçado para o outro e ainda se o que faz rir tem apenas esse propósito ou pode ofender também. Para Balogh (2012):

O humorista é também um equilibrista na corda bamba: tem que chegar perto o suficiente do humano e da sociedade para perceber suas fraquezas, dominar a melhor linguagem para manifestá-las e, ao mesmo tempo, tem que se distanciar o suficiente para criticá-las e com isso trazer um novo olhar, nem sempre dos mais palatáveis para os egos vigentes, sobre o humano e o entorno (BALOGH, 2012, p.13).

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise da desconstrução dos estereótipos do negro e do homossexual realizada pelo canal “Porta dos Fundos”. Criado em 2012, o canal, vinculado ao site YouTube.com, é um dos maiores produtores de vídeos de comédia da internet brasileira. Tendo como sócios fundadores os atores e roteiristas Antonio Tabet, Fábio Porchat e Gregório Duvivier Ian SBF como diretor, editor e roteirista e diretor comercial e ator João Vicente de Carvalho. O canal, em pouco mais de quatro anos de existência, ultrapassou a marca de 2 bilhões de visualizações e tem quase 12 milhões de assinantes. Tal marca coloca o coletivo entre um dos mais representativos canais de produção de conteúdo voltado para os mais diversos públicos.

O “Porta dos Fundos” utiliza uma temática variada em seus vídeos que vão desde situações cotidianas à utilização de estereótipos do negro, homossexual, prostituta, entre outros. Porém, o que difere o grupo de outros veículos de comédia é que, ao invés de reforçar os aspectos negativos para provocar riso, como fazem há anos muitos comediantes, o “Porta” utiliza dos estereótipos para fazer uma quebra da expectativa e colocar-se no lugar da minoria, com o intuito de quebrar os clichês preconceituosos. Essa abordagem serve, acima de tudo, para questionar e desconstruir certas noções preconceituosas e estereotipadas já cristalizadas num certo imaginário social, de modo a problematizá-las e mesmo combatê-las.

Para a análise do trabalho, foi realizado um estudo do humor desde a Grécia antiga, passando pelas cantigas trovadorescas, Shakespeare, os teatros de Gil Vicente, entre outros, para, enfim, chegar a um aprofundamento das categorias do humor e uma análise dos discursos humorísticos, a fim de compreender a criação das piadas e seus conteúdos ideológicos.

O artigo está organizado em Seções que contemplem cada um dos tópicos analisados. A primeira seção intitulada “O humor e a história”, com conteúdo e análise de textos históricos do humor. A segunda seção “Reflexões teóricas sobre o humor e a linguagem” faz um levantamento da fisionomia do cômico, por Henri Bergson, os chistes de Freud e as categorias do humor. O último tópico chamado “É só uma piada. É?” traz uma análise dos vídeos *O mundo tá chato*, *Viado e Negro*, do canal “Porta dos Fundos” e do documentário *O riso dos outros*, que deu suporte à pesquisa, além de uma exploração teórica de discurso e ideologia. Por fim, a conclusão com uma síntese dos resultados obtidos por meio da pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O HUMOR E A HISTÓRIA

O humor que, segundo o dicionário, significa “capacidade de valorizar o cômico, ou o que suscita no riso por meio do ridículo; o pitoresco ou inusitado; o absurdo ou o insólito, ou seja, o riso provocado por tudo que não é habitual, ou fora de uma tradição” (LAROUSSE, 2004, p.479), está presente na sociedade por meio de diferentes gêneros discursivos e não é responsável apenas por causar o riso e criar laços sociais. O humor é fruto das diferentes culturas e pode ser responsável por denunciar diferentes práticas sociais que, muitas vezes, apresentam-se de maneira preconceituosa, contribuindo, assim, para criar opiniões não só divergentes, mas negativas sobre determinados assuntos.

Atividade que permeou a história da humanidade, o humor já tinha espaço desde a era clássica, durante as apresentações teatrais na Grécia Antiga. Segundo Aristóteles, “a comédia é a imitação de homens inferiores, como um homem que contraria a decência e a moral por meio do ridículo” (ARISTÓTELES, 1966, p.6). A comédia é, então, considerada por ele um gênero de menor apreciação.

A peça teatral *Lisístrata* escrita em 411 a.C por Aristófanes é um exemplo das comédias da época que contrapunham a magnitude das tragédias. O enredo trazia Lisístrata como personagem principal e líder da greve de sexo instituída pelas

mulheres da cidade, até que seus maridos parassem com a guerra. No diálogo entre as personagens atenienses Cleonice e Lisístrata, é possível observar a estratégia de Lisístrata para iniciar a greve e instituir a paz entre Esparta e Atenas:

CLEONICE - (Ainda incapaz de levar a coisa a sério.) Será que nós duas sozinhas não podemos reduzir o negócio a proporções menos alarmantes?

LISÍSTRATA - Nós duas sozinhas como, Cleonice? Estou falando da salvação da Grécia.

CLEONICE - Ah, é isso, enfim, a coisa que te preocupa. Pobre Lisístrata, se você pensa que pode salvar a pátria reunindo as mulheres numa praça... Sagrada ingenuidade! Muitos já o tentaram antes... Muitos o tentarão sempre através dos séculos.

LISÍSTRATA - Não com meu plano. Reuniremos todas as mulheres da Grécia, incluindo as beócias e as peloponesas. E acabaremos de vez com as lutas fraticidas, que nos deixam à mercê dos bárbaros que descem lá do norte.

CLEONICE - Se não é impertinência da minha parte, me responde: como é que nós, mulheres, vamos derrotar os homens? Batendo neles com as nossas sandálias douradas, arranhando eles com as nossas unhas polidas, sujando eles com nossos cosméticos ou sufocando eles com nossas túnicas transparentes?

LISÍSTRATA - Serão essas, exatamente, as nossas armas, mas usadas normalmente. As túnicas provocantes, os perfumes tentadores, os cosméticos enganadores, o corpo todo, assim tratado e entremostrado, o corpo todo assim tornado irresistível.

CLEONICE - Irresistível mesmo? Você acha?

LISÍSTRATA - Se fizerem o que eu digo, e como eu digo, nenhum guerreiro mais levantará sua lança...

CLEONICE - ... Ah, não!

LISÍSTRATA - (Olhar de simpática censura)... contra outro guerreiro.

CLEONICE - Ah, sim!

LISÍSTRATA - Todos imediatamente largarão os escudos...

CLEONICE - Ah, é? Vou depressa ao tintureiro buscar minha túnica amarela.

LISÍSTRATA -... abandonarão as espadas...

CLEONICE - Nesse caso, então, talvez seja melhor a camisola transparente.

LISÍSTRATA -... e voltarão correndo.

CLEONICE - Correndo vou eu mudar o lençol da cama

(ARISTÓFANES, 2003, p. 3).

Aristófanes mostra, em *Lisístrata*, o poder das mulheres diante dos homens. É por meio de seu corpo que Lisístrata demonstra esse poder e traz a obscenidade à tona. O trecho seguinte demonstra essa característica na peça: “as túnicas provocantes, os perfumes tentadores, os cosméticos enganadores, o corpo todo, assim tratado e entremostrado, o corpo todo assim tornado irresistível” (ARISTÓFANES, 2003, p. 3). As reticências utilizadas antes de algumas falas também servem como uma ferramenta utilizada por Aristófanes para demonstrar a sensualidade feminina e criar a expectativa no leitor. Já o vocabulário de duplo sentido como em “nenhum guerreiro mais levantará sua lança...” (ARISTÓFANES, 2003, p. 3), na qual a palavra “lança” pode ser entendida como o órgão sexual masculino, demonstra além da voluptuosidade do texto, a intenção do autor de provocar o riso.

Já no período medieval o humor apresentava características de denúncia e críticas sociais por meio das cantigas trovadorescas de escárnio e maldizer, todas fazendo uma aliança entre poesia e música. Massaud Moisés (2008) descreve as cantigas de escárnio como poesias compostas por uma linguagem irônica e sarcástica feitas de modo indireto, podendo causar duplo sentido nas interpretações. Já as cantigas de maldizer eram compostas por uma sátira agressiva e direta (MOISÉS, 2008, p. 28). É possível observar a linguagem humorística por meio da cantiga de maldizer do trovador português João Garcia de Guilhade, do século XVIII:

Ai, dona fea! Foste-vos queixar
que vos nunca louv'en meu trobar;
mas ora quero fazer um cantar
en que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Ai, dona fea! Se Deus me pardon!
pois avedes [a] tan gran coraçon
que vos eu loe, en esta razon
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!
(GUILHADE, 2011-2012).

O trovador inicia a cantiga descrevendo a insatisfação de uma dama por nunca ter sido elogiada em seus poemas. Ele, então, decide escrever um poema à sua maneira para falar sobre a mulher, chamando-a de “feia”, de “velha” e de “sandia”, ou seja, louca.

Durante os séculos XVI e XVII, com o surgimento da *commedia dell' arte*, recursos cômicos que traziam obscenidade e malícia nos roteiros foram introduzidos durante a popularização do teatro (VENDRAMINI, 2001, p.58). É possível observar, por exemplo, recursos humorísticos em peças teatrais de William Shakespeare, como em *A Comédia dos Erros*, escrita no início da carreira do poeta, que abordava, por meio de um conteúdo cômico, filosofias a respeito da existência do homem e suas relações sociais.

A discussão sobre a função moralística do cômico foi feita já no século XVII pelo poeta francês Jean Santeul. Criador da expressão *castigat ridendo mores*, que em latim

significa “por meio do riso corrigem-se os costumes”, Jean dizia que satirizar os maus hábitos denuncia os vícios e os comportamentos reprováveis, fazendo, assim, uma mudança no comportamento social (ANGELI & PADUANO, 2007, p. 9). Outro exemplo dessa abordagem encontra-se nos teatros de Gil Vicente, como na peça *Auto da Barca do Inferno*.

A peça teatral “O Auto da Barca do Inferno” escrita em 1517 é uma sátira de Gil Vicente aos costumes da sociedade da época. Para isso, o autor criou um cenário em que um barqueiro recebe as almas dos mortos no ancoradouro a fim de julgá-las. Gil Vicente traz o lema *castigart ridendo* por meio da relação entre o bem e o mal. No enredo, as almas destinadas ao paraíso são os cidadãos cristãos, ou seja, os puros. Já ao inferno, onde o Diabo aguarda, irão as almas gananciosas. É o caso do primeiro a ser encaminhado ao inferno, o membro da nobreza, Fidalgo:

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Pajem, que lhe segura um manto muito comprido com uma mão e uma cadeira de espaldas com a outra. O comandante do Inferno começa o seu pregão mesmo antes do Fidalgo se aproximar.
DIABO: À barca, à barca, venham lá! Que temos gentil maré! – dirigindo-se ao companheiro – Ora põe o barco à ré!

(vira a traseira do barco)

COMPANHEIRO DO DIABO: Está feito, está feito!

DIABO: Bem feito está! Vai agora, em má hora, esticar aquele palanco (corda) e desocupar aquele banco, para a gente que virá. – falando para o ar – À barca, à barca, hu-u! Depressinha, que se quer ir! Oh, que tempo para partir, Louvores a Belzebu! – dirigindo-se ao companheiro – Mas então! que fazes tu? Limpa todo aquele leito! (espaço entre o Mastro e a Popa do barco)

(VICENTE, 1517, p. 3).

1.2 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O HUMOR E A LINGUAGEM

Diversos autores já se debruçaram sobre o tema da análise do humor. No século XIX, o filósofo francês Henri Bergson (1983) estende a reflexão sobre a produção e o efeito do cômico ao definir três propriedades do riso. Primeiramente, o autor define que a capacidade de rir é característica humana, intitulado o homem como sendo um “animal que ri” e, conseqüentemente, um animal que faz rir. O segundo fator encontra-se na insensibilidade humana: o humor depende da ausência de compaixão. Para o autor, “o maior inimigo do riso é a emoção” e, ainda, “a indiferença é ambiente natural do riso” (BERGSON, 1983, p.7), ou seja, o homem, ao compartilhar do sofrimento do outro, faz com que a função cômica desapareça. E o terceiro fator refere-se ao fato de o homem não produzir riso sozinho, ele sempre depende de um círculo fechado de pessoas, ou seja, o riso é sempre o riso de um grupo (BERGSON, 1983, p.7).

Bergson ainda aponta os aspectos da fisionomia do cômico. Nesse sentido, o autor ressalta a presença de deformidades humanas como provocadoras de riso. Para ele: “pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem conformada consiga imitar” (BERGSON, 1983, p.15). As caricaturas, os disfarces e as imitações de gestos também são risíveis aos indivíduos, ainda que o ser humano possa agir de forma diferente em determinadas situações. Enfim, o filósofo ressalta que “É cômico todo arranjo de atos e acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica” (BERGSON, 1983, p.36).

Já para Sigmund Freud o efeito cômico exige a inteligência instantânea para a compreensão do ato, ou seja, para haver o riso deve haver primeiramente uma quebra da expectativa, mas esse estranhamento não deve durar muito tempo. Por outro lado, há situações em que o riso ocorre de forma espontânea, mesmo sem haver um sentido aparente para o ocorrido. Tais situações são o que Freud denominou de *chistes*. Os *chistes* são, então, “um juízo que produz contraste cômico; participa já, tacitamente, da caricatura, mas apenas no juízo assume sua forma peculiar e a livre esfera de seu desdobramento” (FREUD apud FISCHER, 1905, p. 22).

Freud, em *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905), descreve a relação entre chiste e humor feita pelo filósofo Lipps. Segundo Freud, para Lipps, existem dois estágios para a compreensão do que foi dito. No primeiro, ocorre o esclarecimento da palavra, já no segundo estágio, ocorre a compreensão do sentido do que foi dito, criando assim um sentido verdadeiro. É nesse segundo estágio, durante a resolução dessa problemática linguística, que ocorre o efeito cômico. É por isso que, por vezes, os indivíduos sentem-se constrangidos ao começarem a rir em ambientes ou situações impróprias (FREUD, 1905, p.23).

Uma análise da classificação do humor com relação a diversas categorias pode ser observada no trabalho de Travaglia (1988), com base em programas de televisão. Nesse trabalho são definidos seis grupos como “categorias de humor”. A primeira categoria do humor refere-se à forma de sua composição: descritivo, narrativo ou dissertativo. A segunda refere-se ao objetivo do humor que, segundo o autor, pode ser “a liberação, a crítica social (política, de costumes, instituições, serviços, caráter ou tipo humano, governo) e a denúncia” (TRAVAGLIA, 1988, p. 671). Já a terceira categoria difere o humor quanto ao grau de polidez, referindo-se ao humor “sujo” como um humor mais explícito. O humor quanto ao assunto é, segundo o autor, a quarta categoria. A quinta categoria distingue o código do humor como verbal ou não verbal. E a última categoria é descrita como as ações provocadoras de riso, dividindo-as em duas: primeiro o autor descreve o uso de *scripts*, referentes à estupidez, à esperteza, ou ao absurdo; e segundo os mecanismos, que são o uso de ironia, lugares e posições sociais, jogo de palavras,

exageros e uso de metalinguagem, estereótipos e desrespeitos a regras convencionais (TRAVAGLIA, 1988, p. 671).

Além disso, o humor pode constituir-se de várias formas de apresentação. Ele pode ocorrer por meio de vídeos, charges, textos, teatros, crônicas, entre outros, sendo que a finalidade das composições também aparece de diferentes naturezas. O humorista pode, por exemplo, construir um texto apenas com o objetivo de fazer rir, mas também pode utilizar da linguagem humorística como forma de crítica social e política, bem como apropriá-la a fim de realizar uma denúncia. Nesse contexto, ele pode utilizar conteúdos que vão desde étnicos a políticos, institucionais e sexuais. Assim, para a criação do humor, são desenvolvidos diversos mecanismos que, por vezes, caminham não só pela linguagem, mas pelos gestos, ruídos, sons e entonação de voz, etc.

1.3 “É SÓ UMA PIADA”. É?

Conforme observado no capítulo anterior, o humor pode ser produzido por meio de diversas formas e mecanismos. Algumas dessas formas que têm gerado muita discussão são o uso de exageros e estereótipos. Os estereótipos caracterizam-se pela impressão, muitas vezes negativa, atribuída a determinado comportamento ou identidade de uma pessoa ou de um determinado grupo. Para Sírio Possenti, piadas que utilizam uma abordagem estereotipada empregam “discursos profundamente arraigados e cujos temas são cruciais para uma sociedade” (POSSENTI, 2010, p.40). Porém, a composição dessas piadas parece apresentar um conteúdo tão óbvio que, por vezes, tem demonstrado a incapacidade de produzir o efeito desejado, ou seja, a risada. São os exemplos de piadas com os temas clichês: loira burra, baiano preguiçoso, gaúcho viado, entre outros (POSSENTI, 2010, p.40).

Já nos últimos anos, tem-se observado a perda de efetividade desse modelo de produção de humor, uma vez que um grande número de pessoas parece não estar de acordo com essa antiga abordagem.

Gruda (2015) considera que a sociedade vivia, antigamente, em constante conflito social e ideológico, e, atualmente, ao passarmos para uma sociedade humorística de consenso, que, para muitos, é considerada a sociedade “politicamente correta”, humor e cômico devem se adequar, mantendo os parâmetros de boa conduta. Segundo o autor, o “politicamente correto” (GRUDA, 2015, p.4) se impõe ao permear subrepticiamente todas as práticas sociais e discursivas, o que acaba por inviabilizar e condenar previamente quaisquer comportamentos ou falas que não estejam de acordo com os moldes que este estabelece” (GRUDA, 2015, p.4).

Dessa forma, os discursos do politicamente correto e do incorreto permeiam as opiniões dos indivíduos. De um lado, encontram-se pessoas que tentam enxergar a sociedade por meio das minorias atingidas pelas piadas, essas são chamadas de “politicamente corretas”. De outro, há pessoas que defendem a tese da “liberdade de expressão”, considerando que, ao terem seus discursos barrados de forma coerciva, têm seus direitos desrespeitados, alegando, muitas vezes, que a liberdade de expressão é um direito constitucional. De fato, conforme consta no artigo 5º da Constituição Federal Brasileira de 1988:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; (BRASIL, 1988, p. 13).

O documentário “O riso dos outros” aborda, justamente, os limites do humor, no qual é possível observar opiniões opostas sobre o tema. Enquanto o humorista Danilo Gentili relata “Toda piada tem um alvo. Pode ser um discurso, um objeto, uma etnia, um famoso (...)” (GENTILI, 2012) e que, para ele, o humorista deve, então, “vender” o riso, apoiando-se nas piadas preconceituosas que tornam a função cômica mais “fácil”, pois sempre fazem as pessoas rirem. Porém, o deputado federal Jean Wyllys defende que a liberdade do humor tem limites e que, o humorista não deve apenas se apoiar no riso do público, mas ter uma visão crítica da sociedade. Fazer uma piada de conteúdo preconceituoso, além de não realizar um humor autêntico e transgressor, faz com que o humorista assuma que o mundo é desigual e se comprometa a rir disso (WYLLYS, 2012).

Assim sendo, é possível observar que a sociedade encontra-se dividida. Uma vez que, antigamente, o indivíduo que possuía voz ativa e era capaz de construir textos e discursos para diversos âmbitos da comunicação era geralmente aquele com alto poder aquisitivo ou influência social, hoje, devido ao acesso a um grande número veículos de comunicação, quem o faz é todo e qualquer cidadão em uma rede social, por exemplo. Isso fez com que um grande número de indivíduos pudesse expressar sua opinião a respeito das minorias de acordo com raça, cor, status social e gênero.

Um exemplo de uso de estereótipos que mostra que muitas vezes o resultado não é a produção de humor para todos é a charge do jornal francês *Charlie Hebdo*, apresentada na Fig 1. O Jornal é mundialmente conhecido pelas publicações polêmicas e antirreligiosas, sendo grande divisor de opiniões e alvo de processos judiciais. A abordagem de humor da revista é tão polêmica que culminou em ataques terroristas à sua sede, em Paris (HEBDO, 2017).

FIGURA 1 – Charge do jornal francês *Charlie Hebdo*³



O uso de clichês preconceituosos para a composição das piadas é, por alguns humoristas, considerado um suporte, justificando seu uso por meio do discurso “é só uma piada”, relatando, assim, que não são os humoristas os responsáveis por criar o preconceito e as mazelas sociais que provém dele, e que as piadas não são uma exteriorização de seus pensamentos, mas sim um retrato da sociedade como ela é, já que toda piada necessita de um alvo.

Para Fiorin (2004), porém, essa justificativa parece não ser concreta. O autor define o discurso como “combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo” (FIORIN, 2004, p. 11). Ou seja, ao fazer uma reflexão sobre a relação entre linguagem e o pensamento, é possível concluir que a fala nada mais é do que a manifestação do discurso e este, por sua vez, é a combinação dos elementos que compõem a concepção de cada indivíduo. Seria, então, impossível propor que houvesse uma distinção entre o pensamento e a fala.

³ Charge do jornal francês *Charlie Hebdo* mostra Maomé beijando o cartunista com o texto “O amor, mais forte do que o ódio”.

A construção da semântica discursiva se faz de maneira inconsciente, porém, pautada em discursos previamente construídos e influenciados pela maneira como a sociedade enxerga o mundo de acordo com cada momento histórico. Desse modo, o indivíduo constrói as assimilações e as composições discursivas. O conteúdo é, então, determinado pelo inconsciente, mas a estrutura argumentativa é feita de forma consciente. Assim, o jogo de palavras utilizado por cada indivíduo é previamente construído em sua mente.

Se a produção do discurso, mesmo que de forma inconsciente, é influenciada pelo meio, é possível concluir que os discursos apresentam fundamentos ideológicos. Nesse sentido, vale questionar qual é a ideologia que permeia toda e qualquer expressão de pensamento. Alípio de Sousa Filho (2004) descreve a ideologia no trecho abaixo:

(...) ela assegura, em qualquer sociedade, que a ordem social não desabe enquanto também uma Ordem Simbólica. Resultado que a ideologia consegue obter ao assegurar – através de representações – crenças que conferem à ordem – socialmente construída, arbitrária e convencional – uma aparência de natural, inevitável, universal, sagrada. É, em primeiro lugar, a perpetuação das crenças que convertem as normas, padrões, costumes, instituições de uma ordem em coisas dadas, universais e imutáveis que torna possível que essa mesma ordem se conserve sem que seja posta em questão pelos que a ela estão submetidos (FILHO, A.P., 2004, p.7).

A ideologia age, então, de forma irracional e involuntária, e é um fenômeno inerente à sociedade, constituindo-se o fruto de crenças, padrões e costumes de uma determinada comunidade, ou seja, é um conjunto de ideias de um determinado grupo que age com o intuito de defender seus próprios interesses.

2 MÉTODO DE PESQUISA

Este trabalho consiste em um estudo bibliográfico, com levantamento e análise de dados a partir dos vídeos do canal “Porta dos fundos” que contemplaram os objetivos de análise da desconstrução dos estereótipos do negro e do homossexual. A presente pesquisa foi feita a partir de pesquisa bibliográfica contemplam teóricos do humor e da comicidade. Para tanto, foram utilizados livros, revistas científicas, artigos acadêmicos, vídeos e documentários a fim de elucidar as questões levantadas.

3 DESCRIÇÃO DE ANÁLISE DE DADOS

Os estereótipos podem ser utilizados de forma contrária, com função de contestação e desconstrução dos preconceitos previamente criados na sociedade. Um exemplo disso é maneira como o canal do Youtube *Porta dos Fundos* apresenta seu conteúdo humorístico. Ao realizar uma análise do vídeo “O mundo tá chato” (2016) do grupo, é possível observar que uma diferença pode estar, justamente, no objetivo do discurso humorístico. O vídeo é a narrativa de um jovem, branco e, aparentemente, de classe média, interpretado pelo ator Gregorio Duviver, que entra em seu escritório de trabalho inconformado dizendo: “O mundo tá chato”. Sua indignação é justificada pelas respostas que recebe dos colegas ao fazer comentários considerados abusivos na sociedade. Conforme o diálogo que segue é possível perceber os diversos preconceitos que permeiam a sociedade e que, para muitos humoristas, ainda servem de suporte para o humor. Em seu site oficial, o canal faz a seguinte descrição do vídeo como uma forma de questionamento acerca dos limites do humor: “O mundo mudou, a sociedade evoluiu, o acesso à informação aumentou, a ciência avançou, planetas foram descobertos, a varíola foi erradicada, e até hoje não é possível responder a questão: qual o limite do humor?” (FUNDOS, 2016).

(Murilo entra na sala demonstrando sua indignação aos colegas de trabalho.)

MURILO – Puta que pariu, tô muito puto, brother!

JAIME – O que foi, Murilo?

MURILO – Porra, o mundo tá muito chato, Jaime. Puta que pariu!

Rita – O que aconteceu?

MURILO – O que aconteceu que eu tava passando lá embaixo e fui elogiar a menina da recepção, fazer uma gentileza e falei: “Porra, que desperdício essa raba aí atrás de um balcão escondia”... E ela: “Nossa, que machismo”. Porra, eu sou machista agora? Eu? Vai tomar no cu! Daí ela foi chamar o segurança.

RITA – O, Murilo, isso foi uma atitude muito machista!

MURILO – Ah, Rita, na moral, agora eu sou machista? Tu tá falando isso porque tu é mulher, né? Pra mulher, hoje em dia, tudo é machismo! Pô, não pode mais nem elogiar, não pode nem mais brincar que a mulher, hoje em dia, já acha que é machismo, não é não?

JAIME – Murilo, olha só, eu sou homem e eu achei isso bem machista!

MURILO – Tu é homem, Jaime? Tu não é homem.

JAIME – Não, então, eu sou gay, mas eu continuo sendo homem.

MURILO – É homem que dá o bumbum pra outro homem! Tem que escolher, pô! Homem é homem, veado é veado.

COLEGA MULHER – Murilo, você foi bem ofensivo!

MURILO – Ofensivo?! Eu estou brincando com um amigo meu... O cara é meu brother, é veado, mas é meu amigo. Gente, o mundo tá muito chato, mesmo! Não pode mais fazer piada de veado, não pode mais fazer piada de mulher. O que sobra? Vou fazer piada de que? De bicho? Porra, são piores que a macaca da minha empregada!

JAIME – Cara, não, você não falou isso...

MURILO – O que? É uma piada! Porra, eu desde moleque chamo ela de macaca. Ela é tipo uma mãe para mim, pô. Não tem nada a ver com racismo, não.

COLEGA MULHER – Ela é negra?

MURILO – É, mas não é por isso... É que ela é peluda, porra. Ela nunca se incomodou. Outro dia veio me falar que era racismo. Eu falei: “Porra, Neide, eu sou racista? Eu sou flamengo, porra! Eu sou Portela, irmão, vou ser racista? Olha a minha playlist do Spotify, só tem preto”. Não pode mais brincar com nada... O mundo tá muito chato, brother!

RITA – Não, você pode brincar com qualquer coisa, com o que você quiser, mas é que racismo, no caso, é uma questão bem séria.

MURILO – Você acha que eu não sei, Rita? Você acha que eu nunca sofri racismo? Você acha que eu nunca fui zoado? Olha a cor da minha pele! Porra, o pessoal só de branco azedo, de leite, de estragado, sei lá o quê. Porra, é foda também... O negócio é que eu aprendi a dar a volta por cima, a responder. Quer ver? Me chama de palmito.

RITA – (*Rita hesita e fala*) O, palmito!

MURILO – Por que? Porque meu pau é um mito? Entendeu? Essa que é a diferença... Agora, a vida me dá um limão, eu faço uma limonada! Então, brincou comigo, eu brinco de volta. Não sabe brincar? Não desce para o play.

(*Todos ficam em silêncio, indignados.*)

(*Murilo liga seu computador e, na tela, aparece o símbolo nazista.*)

JAIME – O, meu Deus!

RITA – Murilo, o que que é isso???

MURILO – O que que foi, gente? Não pode mais brincar com nada! Isso aqui é um símbolo indiano, porra!

(FUNDOS, 2016).

Como se vê, a proposta de humor utilizado pelo canal, apesar de compor-se de estereótipos muito utilizados em outras produções humorísticas, como os estereótipos do homossexual, do negro e da mulher, foge do ideal humorístico de reforçá-los, mas de agir como uma denúncia a esse comportamento. Gregorio Duviver descreve com sarcasmo a atitude de indivíduos que fazem reclamações por considerarem o mundo chato, uma vez que a sociedade vem mudando sua forma de pensar e considerando certas atitudes que reforçam e utilizam os preconceitos como suporte para o humor já sem conteúdo cômico.

Dentre os estereótipos utilizados para a composição do vídeo, estão os do negro e do homossexual. O personagem de Duviver, ao ser chamado de machista pelo o colega homossexual, começa a ofendê-lo por meio de piadas com conteúdos já solidificados na sociedade, como o uso do termo “viado” para dirigir-se ao homossexual. Já com relação ao negro, o personagem sente-se incomodado ao ser chamado de racista pelos colegas após a declaração de chamar sua empregada de “macaca”, termo que também já está enraizado na cultura popular para referir-se ao negro em piadas e discursos.

É importante ressaltar que o uso do termo “macaco” para referir-se ao negro, além de constituir-se de um termo pejorativo, é, segundo a atriz Marianna Armellini no documentário “O riso dos outros”, “uma maneira de chamar um ser humano de um estágio anterior à evolução, algo que não é e nunca foi engraçado” (ARMELLINI, 2012). Ibelber Avelare, professor de literatura, vai além ao dizer, ainda no documentário, “não chamar um negro de macaco é simplesmente decência básica humana, não tem a ver com uma suposta opressão linguística” (AVELARE, 2012).

Por isso, apesar de a composição do humor basear-se sempre em uma vítima, como os próprios humoristas dizem, utilizar-se das minorias que, ao longo da história, vêm sofrendo preconceitos, para fazer o riso pode ser considerada uma forma de disseminação desse preconceito.

Para Duvivier, “o humor pode ser anárquico e revolucionário, quando usado de baixo pra cima”, ou seja, quando o seu alvo é a autoridade, o opressor. Assim, o humor “passa a mão na bunda do guarda”, ou seja, quebra de fato estigmas sociais enraizados e replicados pela massa e assume o conteúdo que de fato carrega, só que de forma disfarçada atrás de um nariz de palhaço.

O próximo vídeo a ser analisado é o vídeo “Viado”, do canal, que aborda os estereótipos da mulher e do homossexual. O canal tem como característica fazer uma prévia descrição irônica dos vídeos. A descrição do vídeo a seguir:

“Ei, você! Você mesmo, que tá aí lendo. Qual foi, seu leitor de sinopse de vídeo? Tem toda a cara de quem senta numa cadeira, abre o navegador, lê a sinopse e depois dá play e vê o vídeo! Falo mesmo. E vou repetir na tua cara: internauta que assiste vídeo de comédia. Isso mesmo. Não gostou vai ler um livro!!!” (FUNDOS, 2014).

(Dois homens esbarram-se em um bar e um deles derruba cerveja no outro. Inicia-se uma discussão)

Homem 1 – Porra, olha aí a merda que você fez!

Homem 2 – Caralho, foi você quem esbarrou em mim, seu merda!

Homem 1 – Você me cagou todo aqui, ô viado!

Homem 2 – Você me chamou de quê, irmão?

Homem 1 – Viado!!!

Homem 2 – Eu sou viado mesmo, e aí?

Homem 1 – Quê?

Homem 2 (*ênfatizando*) – Eu sou viado mesmo, e aí?

Homem 1 – É viado? Você não é viado.

Homem 2 – Eu sou viado! Eu dou meu cu, eu chupo pau e o caralho.

Homem 1 – Com essa cara de comedor de xereca que tu tem, porra!

Homem 2 – Me chamou de que?

Homem 1 – Comedor de xereca!!!

Homem 2 – Comedor de xereca é o caralho!

Homem 1 – Vai lá lambar teta de mulher, porra!

Homem 2 – Vamos lá fora resolver essa porra na mão, vamos lá!
Homem 1 – Na mão? Nessa tua mão de hetero? Aposto.
Homem 3 (*tentando separar os dois*) – Deixa isso pra lá, Roanilson!
Homem 1 – Olha aí, nem nome de viado tu tem, que é Roanilson. Eu nunca vi um Roanilson viado.
Homem 2 – Tem vários, irmão!
Homem 3 – Vamos embora!
Homem 1 – Ah, peraí. Esse aí fica falando que é viado pra comer mais mulher.
Homem 2 – Não, eu como cu!
Homem 1 – Come cu de mulher, porra!
Homem 3 – Você não sabe de nada. Você não conhece o Roanilson, por isso fica na tua.
Homem 1 – Vai lá, volta lá pra tua mulher!
Homem 2 – Filho da puta!!!
Homem 1 – Eu sou filho da puta mesmo. Minha mãe é puta, chupa pau e o caralho pra pagar as contas lá de casa. Algum problema?
Homem 2 – Ah, até parece que a tua mãe é uma puta.
Homem 1 – É uma puta, vagabunda e dá o cu por dinheiro!
Homem 2 – Tua mãe deve estar em casa lavando prato.
Homem 1 – O que que é?
Homem 2 – Tua mãe é uma porra de uma dona de casa!
Homem 1 – Você chamou a minha mãe de quê?
Homem 1 tenta dar um tapa em homem 2. Homem 3 segura.
Homem 1 – Seu penetrador de vagina do caralho!!!
Homem 2 sai.

(FUNDOS, 2014).

Mais uma vez o canal tenta quebrar os estereótipos e colocar-se do lado da minoria oprimida. Dessa vez, a intenção foi usar a inversão dos ideais do homossexual. Quando o ator Fabio Porchat chama Duviwier de “heterossexual”, a palavra soa como um xingamento, com a intenção de promover uma reflexão acerca do preconceito sofrido pelo homossexual.

Maria da Graça Costa Val (1991), ao explicitar os fatores pragmáticos de um texto, ou seja, aqueles que se relacionam com a língua em uso, descreve os protagonistas do ato de comunicação: a intencionalidade e a aceitabilidade. Nesse contexto, intenção do discurso pode ser de informar, convencer, ofender e até mesmo chocar o interlocutor (VAL, 1991, p.10). No caso do vídeo “Viado”, é possível observar que a intenção do canal é, além de chocar e realizar, mais uma vez, uma quebra de estereótipos, fazer com que o interlocutor reflita acerca do conteúdo abordando, trazendo à tona uma situação que, apesar de corriqueira, apresenta um diálogo composto pela inversão de papéis entre o homo e o heterossexual. O mesmo ocorre com a questão da mulher dona de casa e da prostituta.

Se, apesar de vivermos em um Estado Democrático de Direito, o homossexual ainda sofre tanto preconceito e, muitas vezes, têm seus direitos barrados, trabalhar questões que abordam a homofobia, o preconceito e a discriminação, como o canal “Porta dos Fundos” cria, parece fazer com que o humor perca o objetivo de simplesmente entreter, saindo de uma atitude estagnada, para agir como uma atitude transgressora, como cita Jean Wyllys no documentário “O Riso dos Outros” (2012).

Já com relação à aceitabilidade, que se refere à expectativa do receptor, o canal mostra mais uma vez a autenticidade de seu conteúdo, pois se difere dos outros veículos de humor ao construir um discurso que vai além dos clichês, mostrando assim como o humor pode, além de fazer rir, produzir um texto capaz de causar uma mudança dos paradigmas sociais.

A fim de levantar a temática do negro sob a perspectiva humorística do grupo, analisaremos o vídeo “Cor” com a seguinte descrição:

“Outro dia reparei numa coisa curiosa. O que Michael Jordan, Pelé, Gilberto Gil, Obama, Joaquim Barbosa e Glória Maria tem em comum? Todos são ícones nas suas áreas com um legado que só poderá ser medido depois que eles se forem. Que foi?!? Achou que era o quê? Tá na hora de você reavaliar se adota um discurso colorido, mas só tem relações monocromáticas.” (FUNDOS, 2015).

(Dois homens, um branco e um negro, correndo pela praia, quando sentam para descansar...)

Homem 1 (branco) – Sabe o que eu tava reparando, cara?

Homem 2 (negro) – Fala, tu!

Homem 1 (branco) – Reparei outro dia que tu não é muito amigo, porque é... *(O homem esfrega o braço com o dedo mostrando ao outro)*

Homem 2 (negro) – Peludo???

Homem 1 (branco) – Não! Porque é... porque é... *(Esfrega mais uma vez o braço)*

Homem 2 (negro) – Dermatologista???

Homem 1 (branco) – Não!!! Porque é... *(E continua apontando para o braço)*

Homem 2 (negro) – Tá atrasado?

Homem 1 (branco) – Não!!! Porque é... *(Alisa o braço)*

Homem 2 (negro) – Se alisa?

Homem 1 (branco) – Não! *(Dessa vez bate no braço do colega e alisa seu rosto)*

Homem 2 (negro) – Porque é forte? Porque é carinhoso?

Homem 1 (branco) – Não. Tô confuso! *(Mostra a camisa escura do colega)*

Homem 2 (negro) – Se mexe bem?

Homem 1 (branco) – *(Mostra as mãos fazendo mímica)*

Homem 2 (negro) – Porque é mímico?

Homem 1 (branco) – *(Simula tocar um pandeiro)*

Homem 2 (negro) – Porque é percussionista?

(FUNDOS, 2015).

O vídeo dialoga com um tema muito discutido ao longo dos últimos anos, após a publicação, em 2004, da cartilha “Politicamente Correto e Direitos Humanos”, que tem como objetivo chamar a atenção da sociedade para o uso de vocabulários que ferem a dignidade humana. A cartilha aborda, dentre outros, os termos utilizados para referir-se população negra que podem ter cunho preconceituoso. Alguns exemplos são:

Negro – A maioria dos militantes do movimento negro prefere esse termo a “preto”, que o utilizam com orgulho para afirmar os valores da cultura afrobrasileira. O contexto determina o sentido pejorativo das duas expressões. Em certas situações, tanto “negro” como “preto” podem ser altamente ofensivos. Em outras, podem denotar carinho, por exemplo, nos diminutivos “neguinho”, “minha preta” etc.

Mulato – Filho de mãe branca e pai negro, ou vice-versa. Mestiço de branco, negro ou indígena, de cor parda. Originariamente, na língua espanhola, a palavra se referia ao filhote macho do cruzamento de cavalo com jumenta ou de jumento com égua, daí a sua carga pejorativa. Transposto para o português já com o sentido de mestiço, o termo serviu à ideologia do branqueamento da raça negra e entrou no imaginário popular, pela literatura nativista, para designar a pessoa sedutora, lasciva, inzoneira, sonsa, cheia de artimanhas ditas “tropicais”, um outro estereótipo.

Crioulo – Antiga designação do filho de escravos, hoje é um termo pejorativo e discriminador do indivíduo negro ou afrodescendente (QUEIROZ, 2004, p.24).

É possível observar, por meio dos exemplos citados, que houve uma preocupação por parte do governo federal em criar um documento que colocasse à tona palavras e expressões que não só denigrem a imagem dos indivíduos, como podem ser responsáveis pela disseminação do preconceito e do racismo. Anteriormente, em 1995, já havia sido criada uma cartilha que explicitava direitos assegurados ao afrodescendente. Em 2012 a cartilha fora reformulada, trazendo mais direitos e exercícios de cidadania à sociedade. Dentre eles, estão as leis 10.639/03 e 11.645/08 que determinam que a história da África, bem como a cultura africana, afro-brasileira e dos povos indígenas estejam no currículo do ensino básico das escolas (BRASILEIRO, 2012, p. 11).

Esse cuidado com a população e a cultura negra tem um respaldo histórico, uma vez que, desde os escravos, ela ainda luta não apenas contra o preconceito, mas pela igualdade de seus direitos. A história do negro no país mostra que mesmo sendo o grande povoador e articulador econômico por meio de seu trabalho, o negro não só não obteve o lucro, como também não obteve o respeito necessário durante sua trajetória.

O que o vídeo “Cor” faz, com a interpretação de Duvivier, é tentar representar um pouco do outro lado. Ao abordar o colega negro hesitando durante todo o momento de chamá-lo por sua cor, Duvivier tem como objetivo mostrar que mesmo não explicitando seu pensamento, o conteúdo é muito mais significativo do que a fala. Ele demonstra como é possível agir com preconceito ou racismo mesmo sem dizer nada. Seus gestos são, intencionalmente, cheios de sentido.

O estudo de Fiorin (2004) pode ser mais uma vez citado, pois é possível observar, por meio do vídeo, como não apenas a fala, mas gestos, expressões e atitudes pode também ser carregados de conteúdo ideológico e, compor piadas a partir desse contexto, é fazer o indivíduo reflita acerca de suas atitudes perante a sociedade.

CONCLUSÃO

A análise do humor, partindo da perspectiva histórica até os dias atuais, possibilitou a compreensão das várias facetas desse discurso. O humor vai muito além do simples ato de fazer rir e, desde o início de suas composições, os textos já faziam críticas sociais, políticas e até religiosas.

Quando o autor Bergson (1983) aponta a presença de deformidades humanas como “provocadoras” de riso, é possível compreender como o humor ainda tem seu foco no uso de clichês e estereótipos sociais. Conteúdo esse que, de tão óbvio, segundo Sírio Possenti (2010), já não são mais risíveis na sociedade atual.

Foi possível perceber como o canal “Porta dos Fundos” realiza essa “quebra” de estereótipos por meio do estudo dos vídeos “O mundo tá chato”, “Cor” e “Viado” do grupo. Em “O Mundo tá chato”, estabeleceu-se uma análise da maneira como a sociedade vem agindo frente às composições de humor “politicamente corretas”. Para muitos, o uso de certos termos já enraizados na cultura brasileira como “macaca” para referir-se a uma mulher negra e “viado” ao homossexual, ainda estabelece uma relação de comicidade e, para esses, falar e questionar sobre os limites do humor e até onde uma palavra pode ofender um ser humano poderiam ser consideradas formas de coagir o humorista e impedi-lo de utilizar-se do seu direito de liberdade de expressão, conforme garante a Constituição. Mas a conclusão que se chega é que, conforme Fiorin (2004), todo discurso tem seu caráter ideológico, por isso, o humorista pode compor suas piadas de forma livre, mas ciente de que poderá sofrer críticas de uma sociedade que já não se cala facilmente.

O vídeo “Viado” é uma demonstração irônica do preconceito vivido por homossexuais e prostitutas. O que o canal faz para atingir o objetivo da piada é uma inversão dos papéis, colocando o heterossexual e a dona de casa como possíveis afrontas à sociedade. Já o homossexual e o outro personagem cuja mãe é prostituta demonstram orgulho, exaltando essas características durante o decorrer do vídeo.

E, por fim, em “Cor”, a interpretação de Duvivier demonstra que, muitas vezes, o conteúdo preconceituoso de um discurso está não apenas nas palavras, mas nos gestos e expressões. Mais uma vez, o canal utiliza-se do estereótipo do negro para compor a piada colocando-se no lugar dele.

Assim, conclui-se que se a produção de piadas tem como base o humor dialogando com o preconceito do outro, o que o canal “Porta dos Fundos” faz é estabelecer uma inversão dessa ideia ao construir seu discurso colocando-se no lugar da minoria oprimida, fazendo, assim, não apenas um humor transgressor, mas um humor capaz de provocar uma reflexão social.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, C. D.; PADUANO, G. **O cômico**. Tradução: Caetano Waldrigues Galinho. Curitiba: UFPR, 2007.
- ARISTÓFANES. **A greve do sexo**: lisístrata. Tradução: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ARMELLINI, M. **O riso dos outros**. Brasil: TV Câmara, 2012. (Documentário)
- AVELARE, I. **O riso dos outros**. Brasil: TV Câmara, 2012. (Documentário)
- BALOGH, A. M. Prefácio. In: SANTOS, R. E.; ROSSETTI, R. **Humor e riso na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 7-14.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.
- BRASILEIRO, N. D. **Cartilha negro cidadão**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2012.
- SOUZA FILHO, A. de. **Cultura, ideologia e representações**: representações sociais – teoria e pesquisa. Mossoró: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2003.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2004.
- FREUD, S. **Os chistes e a sua realção com o inconsciente**. Tradução: James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1905. v. 8.
- PORTA dos fundos. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- _____. **Cor**. 21 de Maio de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2fYubvCPM8Y>>. Acesso em: 1 abr. 2017.
- _____. **O mundo tá chato**, 5 set. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KP4wBBZRCio>>. Acesso em: 15 out. 2016.
- _____. **Viado**. 01 de Maio de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3GM7Htcc5nA>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- GENTILI, D. **O riso dos outros**. Brasil: TV Câmara, 2012. (Documentário)
- GUILHADE, J. G. de. **Cantigas medievais galego-portuguesas, 2011-2012**. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520&pv=sim>>. Acesso em: 18 jan. 2017.
- GRUDA, M. P. P. **O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo**. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/publicacao/118583>>. Acesso em: 18 jan. 2017.
- HEBDO, C. **Charlie**. 2017. Disponível em: <<https://charliehebd.fr/charlie>>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- LAROUSSE. **Larousse ilustrado da língua portuguesa**. São Paulo: Larousse, 2004.
- MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

PIRES, M. R. O equilíbrio necessário para que a liberdade de expressão coexista com outros direitos. *Âmbito Jurídico*, 2016. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10790&revista_caderno=9>. Acesso em: 13 out. 2016.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIROZ, A. C. **Politicamente correto; direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. Recursos linguísticos e discursivos do humor: humor e classe social. **Revista de Cultura Vozes**, Uberlândia, v. 64, n. 3, p. 670-677, nov. 1988.

VAL, M. d. **Redação e Textualidade**. São Paulo: M. Fontes, 1991.

VENDRAMINI, J. E. A commedia dell'arte e sua reoperacionalização. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 57-83, 2001.

VICENTE, G. **O auto da barca do inferno**. Porto: Porto, 1517.

WYLLYS, J. **O riso dos outros**. Brasil: TV Câmara, 2012. (Documentário)